

CDU 869.0(81) Freyre. 06

**TROPICOLOGIA E TERCEIRA IDADE**  
(estudos preliminares)

Myriam Brindeiro de Moraes Vasconcelos

O sol é fator condicionante principal, na caracterização de zona tropical – um dos grandes espaços do planeta Terra. A incidência perpendicular dos seus raios, no equador, diminuída gradativamente até 23º27' para o Norte – Trópico de Câncer e para o Sul – Trópico de Capricórnio, tendendo à obliquidade, além desse limite, define o espaço tropical limitando-o e caracterizando-o.

Outros importantes fatores decorrentes, em grande parte, do tipo de passeio anual do sol, do posicionamento dos seus raios sobre os trópicos, também distinguem esse grande espaço da Terra.

O clima é caracterizado por apenas duas estações, e, por temperaturas quentes e invernos amenos. Suas grandes variações são decorrentes tanto do fator temperatura, dependente da latitude, do relevo e das correntes marítimas, como do fator pluviosidade. Varia do superúmido ao desértico. Sem que se esqueçam os enclaves, ilhas de clima não tropicais e as sinuosidades das delimitações das temperaturas.

Nos trópicos, por influência do sol e também das chuvas, o manto de decomposição dos solos – regolito – em geral, é profundo. Mas não há a hibernação das zonas temperadas. A natureza não descansa. Se provém continuamente. É a caracterização geomorfológica e edáfica da zona tropical. Tanto há processos de degradação, por erosão, laterização, lixiviação, seja no trópico úmido ou seco, como de desertificação.

A caracterização bioclimática dos espaços tropicais já situa o reflexo das condições climáticas e edáficas sobre a flora e a fauna, suas potencialidades (terrestres ou aquáticas) e suas associações.

São as interações entre os elementos físicos ou abióticos (litosfera, hidrosfera, atmosfera), os elementos biológicos ou bióticos (biosfera) e os elementos antrópicos (comunidades humanas) que constituem os chamados sistemas ecológicos naturais ou ecossistemas. Quando se menciona a introdução do fator antropológico – a presença do homem – passa-se do Plano das Ciências Naturais para o Plano das Ciências Humanas ou Sociais. A Ecologia, tomada como “o ramo da Biologia que estuda as relações entre os seres vivos e o meio ambiente em que vivem, bem como as suas recíprocas influências”, amplia sua definição para “o ramo das Ciências Humanas que estuda a estrutura e o desenvolvimento as comunidades humanas em suas relações com o meio ambiente e sua conseqüente adaptação”.<sup>1</sup>

Pode-se falar em outras caracterizações dos espaços tropicais que incluem o fator antropológico, entre elas, a agrogeográfica (agricultura, pecuária), a histórica, a sociocultural, a econômica, a tecnológica. Mas a ciência específica ao estudo global do Homem Situado nos espaços tropicais, com seus respectivos e variados ecossistemas, é a Tropicologia – Uma Ciência do Século XX.

Foi plasmada desde 1918, segundo estudos de MIRANDA (1983), que vem formalizando intuições germinais, talvez não percebidas então, pelo próprio criador, GILBERTO FREYRE, nos primórdios da sua obra científica. É que à tese apresentada à Faculdade de Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais da Universidade de Columbia, em 1922, *Vida Social no Brasil nos meados do século XIX*, antecederam artigos publicados no *Diário de Pernambuco*, hoje reunidos nos dois volumes, *Tempos de Aprendiz*, que já permitem visualizar, ali, o nascimento da Tropicologia. Uma Tropicologia com previsões “de estudos interregionais, inter-raciais, interculturais, que se aprofundam em considerações ecológicas e culturais do Homem Situado no Trópico”.<sup>2</sup>

A temática tropicológica é apresentada em abordagens interdisciplinares, com tratamento diferenciado, por especialistas no *Livro do Nordeste*, em 1925, comemorativo do 1º Centenário do *Diário de Pernambuco*, por GILBERTO FREYRE, pensador “analítico-descritivo e sintético-ideativo da cultura brasileira”, conforme MIRANDA.

À medida que a intuição gilbertiana ia expandindo seu núcleo teórico-prático em realizações científicas, artísticas, literárias e político-pedagógicas, mais claro e evidente ia se tornando o jogo de toda a sua obra, para a compreensão da análise e da síntese do Homem Situado no complexo espaço tropical como um todo, ou, em determinadas regiões específicas representativas do mesmo.

Assim, como o *Manifesto Regionalista* (1926); a publicação de *Casa-Grande & Senzala* (1933); a participação na Assembléia Nacional Constituinte, como Deputado Federal, em 1946; a criação do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, hoje Fundação Joaquim Nabuco, em 1949; a Conferência "Em torno de um novo Conceito de Tropicalismo" (1952), na Universidade de Coimbra; a instalação do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife (1957) do INEP/MEC; a inauguração do "Instituto de Antropologia Tropical" (1961), na UFPE e a instauração do "Seminário de Tropicologia" (1966). Para citar apenas alguns poucos e grandes marcos.

Partindo das raízes da Luso-Tropicologia e da Hispano-Tropicologia e da ênfase sócio-antropológica da Sociologia Regional, FREYRE (1962) explicita, claramente, a nova ciência, dizendo que a "Tropicologia, para bem estudar o Homem situado no Trópico, as civilizações desenvolvidas ou que se desenvolvam em áreas tropicais, os obstáculos oferecidos pela natureza tropical a valores de civilização vindos de outros meios naturais, tem que ser uma ciência fundamentalmente ecológica antes de ser dinamicamente biossocial e sociocultural em seu estudo do Homem situado em meio tropical".<sup>3</sup>

Assim, a base mais concreta, a raiz mais funda da Tropicologia é a Ecologia – "história natural científica e ciência das relações por excelência", segundo Julian Huxley.<sup>4</sup>

A necessária sistematização científica inter-regional, transnacional e intertropical da Tropicologia, preconizada por MIRANDA (1983), vem sendo continuada e concretizada, atualmente, pela FUNDAJ, através de pesquisas "de caráter intranacional" e pelo próprio Seminário de Tropicologia, com ações de "articulação de caráter internacional de estudos comparados no plano pantropical".

Seus desdobramentos – "Encontros Regional de Tropicologia", "Jornadas de Tropicologia" e "Seminário de Desenvolvimento Brasileiro e Trópico" – assim como seu caráter que "Prima por ser um órgão quase nada burocrático: muito mais alma do que corpo"<sup>5</sup>, bem como sua sistemática metodológica tipo Tannembaum, consolidaram-se em três etapas sucessivas: Etapa Inicial (1966 a 1973), Etapa de Transição (1974 a 1979) e Etapa de Renovação e Reconstituição (1980 em diante).

É necessário que se realce que essa sistematização vem crescendo organicamente numa série de reflexões explicitadas seja através de artigos, seja através de pronunciamentos, seja através de ações da atual Coordenadora do Seminário de Tropicologia, em momentos importantes para a afirmação científica modernamente proposta.

Em rápido parêntese sobre a inter-relação entre o Seminário de Tropicologia, o planejamento nacional e a futurologia, lembre-se que GILBERTO FREYRE chama a atenção, no livro *Além do Apenas*

*Moderno*, para a sua semelhança com o sistema de "fórum provisório" do modelo francês de "tables rondes" que, "segundo futurologistas franceses, devem ser realizadas o mais possível à vista do público, em contraste com a política de segredo que, segundo eles, caracterizaria os atuais planejamentos puramente governamentais, caracterizados também pelo domínio de peritos em economia e em finanças".<sup>6</sup>

O I Congresso Brasileiro de Tropicologia, realizado em dezembro de 1986, permitiu que se "demonstrasse que os estudos feitos durante os anos 1966-1986 sob a direção e coordenação de Gilberto Freyre consolidaram a Tropicologia como ciência da compreensão da situação humana e de seu habitar no(s) Trópico(s), de ampla e profunda abordagem teórica, prática e experimental, de caráter interdisciplinar e transdisciplinar que continuamente questiona e aponta a vários direcionamentos para uma adequada visão do Homem Situado no(s) Trópico(s)".<sup>7</sup>

O Curso Fundamentos da Tropicologia da FUNDAJ, em convênio com a Fundação GILBERTO FREYRE e o MEC em termos de estudos pós-graduados, é outro passo recente, com perspectivas de futuro, para a consolidação e difusão pedagógica da nova ciência.

A Tropicologia tem por objeto de estudo – o Homem Situado no Trópico – em outras palavras, as sociedades tropicais, os fenômenos sociais das sociedades situadas nas áreas ou espaços tropicais. Tem uma metodologia inter-relacional, interdisciplinar e transdisciplinar aglutinando visões ecológicas, sócio-antropológicas, com apelos a praticamente todas as ciências, numa conjugação abrangente de ciência que também não discrimina arte e literatura, mas antes as integra e as solidifica no crescendo do conhecimento humano. No I Congresso Brasileiro de Tropicologia, no trabalho explicitamente "Categorias da Experiências Tropicológicas", foram definidas suas categorias, numa afirmação da inserção científica da Tropicologia, nas cadeias do conhecimento, conforme os parâmetros da Filosofia.

Segundo MIRANDA (1986), a abrangência da Metodologia Tropicológica dimensiona-se, assim:

"A tentativa de estabelecer um encadeamento entre várias e diversas interligações de conhecimentos, que possibilitem uma maior visão objetiva da realidade, permite que seja referida aqui, e não só para os conhecimentos teóricos científicos, a dialética do ver segundo a disposição de olhar e dispor, visual e operacionalmente, as coisas que se apresentam sem limite de extensão ao poder incomensurável de compreensão do homem. Dá-se, assim, *uma articulação de complementaridades*. (grifo nosso). Cada expressão ou modalidade diferencial revela uma intimidade original a ser compreendida em sua integralidade. As determinações da realidade e sua manifestação reclamam-se de algo mais original que lhes é seu próprio fundamento. O

último de cada coisa é o que lhe é primeiro, sempre exigente de contínuas aproximações.

No caso do estudo do homem, e do Homem Situado, combinam-se e se alternam diferentes visões ou universo de saberes e práticas, artes e técnicas e a própria experiência que o homem tem de seu mundo, em todas as suas dimensões, segundo o modo e atitude de sua presença. Seu próprio ser encarnado diz o seu ser convivente com seu lugar, inserido no jogo de seus espaços de tempo, de sua história biológica e social. Questiona, portanto, seu próprio mundo enquanto se indaga a si próprio".<sup>8</sup>

Em seu compor-se experimental, a Tropicologia, intuidade de GILBERTO FREYRE, abarca, segundo MIRANDA (1987), três categorias filosóficas: Situação, Lugar e Tempo. Constituem, assim, reunidas, um complexo enovelado de concepções do pensamento que, por serem tão evidentes, tão claras e tão do dia-a-dia do vivente, do seu cotidiano, da sua realidade, do seu mistério, dificultam ao homem o falar facilmente e com fluência sobre os seus significados e suas inter-relações.

Melhor é continuar dizendo, lucidamente, com a filósofa "que a tropicologia se constitui com o objetivo de compreender as relações e interpretações entre o Homem, a Natureza e a História, estabelecendo um estudo intercategórico de interrogações e questionamentos sobre as manifestações do homem e de sua existência concreta e encarnada em mundo cultural e natural, onde tanto o *ser* quanto o *ter*, tanto a *situação* quanto o *lugar*, tanto o *agir* como o *receber*, tanto o *tempo* quanto o modo de *relacionar*, dizem alé de uma visão quantitativa sobre o indivíduo, uma visão qualitativa sobre sua vida".<sup>9</sup>

E ainda:

"A partir da Tropicologia, como estudo do Homem Situado no Trópico, todos os demais limites humanos podem ser alcançados através de uma análise intercategórica, onde ciências e filosofia têm o que fazer diante da busca das dimensões culturais da quotidianidade humana situada, disposta a seu modo no Trópico, e considerada através da complexidade das relações que se dão em conjunto na categoria da situação".<sup>10</sup>

Redundantemente, destaque-se a categoria da Situação que, em seu sentido abrangente, por assim dizer, engloba as demais categorias, sem descaracterizá-las, sintetizando a Tropicologia como o estudo do Homem Situado no Trópico.

É que na categoria *situação* desvenda-se tanto o existir, como este na concreção da realidade, em nível singular, objeto de estudos e conhecimentos. De um lado, o *ser*, de outro, mas complementar e simultaneamente seus condicionamentos, se assim se pode dizer: o *ter* uma situação; o *lugar* – ocupação de um espaço; o *habitual* modo de ser ou manter-se, encontrar-se, como um estado de homem.

Na categoria lugar, a possibilidade, sempre continuamente presente de mobilidade, na modificação do estabelecido, configura a *ação* – mundo dos agentes. Toda ela, ou partes, em se concretizando, ou a concretizar-se em novas faces, em novos ângulos da situação.

Ou, ainda, simplesmente, a manutenção contínua da potencialidade do receber a realidade como tal, acolhendo-a, sofrendo-a, explicita a categoria *recepção*.

Toda a complexidade cultural está presente nessa categoria tropicológica. FREYRE aborda a recepção via o cotidiano categórico do habitar, da habitação, do modo de habitar humano. Estão aí presentes, na singularidade da habitação, toda a complexidade cultural modos de ser, agir, pensar – recebidos, sofridos e trabalhados pelo homem do trópico.

O *Tempo*, terceira categoria tropicológica, dimensiona a História, o movimento, seja quantitativa ou qualitativamente. Corpo e espírito que se transmudam constituindo como que uma transnatureza, no sentido de uma comunhão social universal, na qual os “três tempos convencionais tendem a confundir-se, interpenetrando-se. E ser, assim tempo trítbio.”<sup>11</sup>

Ainda, conforme FREYRE (1973), criador da Tropicologia:

“É o analista a projetar-se na análise. Na análise do presente, na do passado, na do futuro – ou, segundo o conceito de tempo trítbio, dos três simultaneamente – sempre que se trate do futuro humano, ou psicossocial, do Homem, em geral; ou do de qualquer das suas sociedades; ou de qualquer das suas culturas, em particular.”<sup>12</sup>

Assim, quando se fala em tempo trítbio, a noção do “estar sendo” perpassa aquela do presente configurando a idéia de futuro relativo, que também é passado, mas não numa concepção circular, mas não numa concepção repetitiva, e sim naquela visão concebida por FREYRE de futuro relativo, cíclico, carregado de simultaneidade e captado pela acuidade do espírito. Concepção germinal, aproximada da Teoria da Relatividade de Einstein, no campo das Ciências Sociais.

“E o homem se vê e se sente habitado por uma natureza que além de biológica e portadora de heranças é-lhe essencial em invenções de seu próprio constituir-se, e na qual os extratos cósmicos se contraem numa unicidade superior em que se contam reciprocamente o corpóreo, o vivo, o psíquico e o espiritual que entende tendo por base sua totalidade orgânica de existente natural finito.

Por causa deste seu entender convém que se considere existir no homem uma exigência de transcendência.”<sup>13</sup>

E, ainda, mais profundamente, fala MIRANDA (1987):

“Este é o paradoxo humano, pleno de mistério.

Ser-no-mundo, o homem é uma complexidade cósmica com consciência reflexiva deste mesmo cosmos.”<sup>14</sup>

Consciência reflexiva, que se expressa via vários caminhos (Ciência, Arte, Literatura, Religião), na busca de respostas para o *começo de tudo* e onde o mistério permanece intocado, embora sabido, embora observado, embora intuído.

No artigo "Origem, tempo e relatividade", o Professor Telmo Frederico Maciel sintetiza o que de mais novo colheu sobre a questão do tempo, do ponto de vista científico e religioso:

"Trata-se de verificar em que termos o 'tempo' é cognoscível e o que isso tem a ver com o binômio 'Ciência e Fé', em face da Criação."<sup>15</sup>

Citando artigo da revista *Communio*, perpassando por vários campos do conhecimento desde a própria Epistemologia, a Física, a Astrofísica, a Cosmologia, reportando-se a vários estudiosos ligados a esses campos e considerando as concepções do tempo – sucessão de instantes, do tempo-duração (Bergson) e do espaço-tempo (Einstein), tomado como algo que transcende o mundo dos sentidos, consegue mostrar em texto curto, em nível de divulgação científica, os pontos fronteiros da Ciência com a Fé, as dificuldades e as ajudas mútuas que se concedem em terreno tão difícil e, ao mesmo tempo, tão inerente à própria natureza humana.

Especificamente, quanto a "mistérios", realça a existência deles no campo da Ciência, citando as palavras do físico Feynman:

"O que nós somos capazes de compreender não é nada em comparação com o que existe."

E, referindo-se ao binômio Ciência e Fé, finaliza assim:

"O melhor entendimento das coisas se chega quando se acrescenta à primeira maneira de encarar a realidade, a segunda."<sup>16</sup>

Assim, nessa linha sugerida, pode-se tentar entender e analisar, nas *Confissões* (Anos 397/398) de Santo Agostinho, a questão do tempo, quanto ao seu aspecto psicológico, profundamente apresentada, principalmente, no Livro Onze. Essa questão do tempo é difícil, obscura e controversa, ainda hoje. Mas as concepções do Santo Doutor conseguem, pelo menos durante a sua leitura, atingir a mente dos menos iluminados, com o consolo das suas próprias palavras, perguntando o que é o tempo:

"Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer esta pergunta, já não sei. Porém, atrevo-me a declarar, sem receio de contestação que, se nada sobreviesse, não haveria o tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existia o tempo presente.

De que modo existem aqueles dois tempos – o passado e o futuro –, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade. Mas se o presente, para ser

tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir? – Para que digamos que verdadeiramente existe, porque tende a não ser.”<sup>17</sup>

As explicações sobre as três divisões do tempo – presente, passado, futuro – segundo notas da edição, referem-se ao estudo do seu aspecto psicológico, seu elemento transitório – sucessão, uma vez que sob o aspecto ontológico (como é em si mesmo), o tempo é indivisível, é um contínuo, com seu elemento permanente – duração.

Uma conclusão terminológica de Santo Agostinho é esclarecedora da sua concepção:

“Não se diz com propriedade de linguagem: os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse melhor dizer: os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presentes das futuras. Existem pois, estas três coisas na minha mente, posto que as não veja em outra parte; lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes, esperança presente das coisas futuras. Se me é lícito empregar tais expressões, vejo então três tempos e confesso que são três.

Diga-me também que há três tempos: pretérito, presente e futuro, como ordinária e abusivamente se usa. Não me importo nem me oponho nem critico tal uso, contanto que se entenda o que se diz e não se julgue que aquilo que é futuro já possui existência, ou que o passado subsiste ainda. Poucas são as coisas que exprimimos com terminologia própria; falamos muitas vezes sem exatidão e vocabulário, mas entenda-se o que pretendemos dizer!”<sup>18</sup>

A lucidez da antevisão de Santo Agostinho já não abriria uma perspectiva para os estudos dos “buracos negros”, onde o tempo é presente, e para outras nomenclaturas da física quântica atual, como a 4ª dimensão e até mais outras, ultimamente?

“Quem se atreveria a dizer-me que não há três tempos, conforme aprendemos em criança e às crianças o ensinamos: o pretérito, o presente e o futuro? Não existirá somente o presente, visto que os outros dois não existem? Ou eles também existem, e então o tempo procede de algum retiro oculto quando, do futuro, provém o presente? Entra o tempo noutra esconderijo, quando do presente se origina o passado? Onde é que os adivinhos viram as coisas futuras que vaticinaram, se elas ainda não existem? Efetivamente não é possível ver o que não existe. E os que narram os fatos passados, sem dúvida não os poderiam veridicamente contar, se os não vissem com o espírito. Ora se esses fatos passados não existissem, de modo nenhum poderiam ser apreendidos. Existem, portanto, futuros e pretéritos.”<sup>19</sup>

Ainda, nas *Confissões* do Santo Doutor, pode-se observar outra antevisão. A de tempo-espaço, quando pergunta:

“Porém que medimos nós, senão o tempo nalgum espaço? Não diríamos tempos simples, duplos, triplos e iguais ou com outras denominações análogas, se os não considerássemos como espaços de tempos.”<sup>20</sup>

Confirmando o enfoque psicológico da sua concepção:

“Em ti, ó meu espírito, avalio os tempos!”

“Mas como diminui ou se consome o futuro, se ainda não existe? Ou como cresce o pretérito, que já não existe, a não ser pelo motivo de três coisas se nos depararem no espírito onde isto se realiza: esperança, atenção e lembrança? Aquilo que o espírito espera, passa através do domínio da atenção para o domínio da lembrança.”<sup>21</sup>

No fim do Livro Onze, volta-se Santo Agostinho ao campo da Fé, dizendo:

“O Vosso conhecimento diverge muito do nosso, é extraordinariamente mais admirável e incomparavelmente mais misterioso!”<sup>22</sup>

Com essas breves, mas imprescindíveis digressões constata-se a similitude entre os pensamentos freyriano e agostiniano, cada um no campo específico das suas indagações, beirando o mistério da vida. O tempo tríplice de GILBERTO FREYRE, concepção criada pelo autor da *Tropicologia*, sem dúvida, aproxima-se do Santo Doutor das *Confissões*. E aquele receio de uma possível má interpretação desaparece, quando se ouve a revelação de um dos mais profundos estudiosos da sua obra, o professor Edson Nery da Fonseca, em recente Seminário de *Tropicologia* (27.9.88), sobre a realidade dessa aproximação, confessada a ele, pelo próprio GILBERTO.

O grande mérito de GILBERTO FREYRE, nesse domínio, foi a criação da concepção de tempo tríplice – conceito inovador – e sua aplicabilidade ao social. Passa-se, assim, do mundo psicológico, individual, de Santo Agostinho, à dimensão social da comunhão das culturas, dos ecossistemas, dos três tempos, em um só:

“Pois os futuros não nos esqueçamos – e aqui entra a concepção tríplice de tempo ou daquele supratempo que parece arrebatado, por vezes, ao presente muitas das suas pretensões de estender sobre o futuro e sobre o passado seu domínio ou mesmo sua influência. Um estudo interessantíssimo a fazer-se seria o que considerasse esse choque entre imperialismos no tempo – o passado pretendendo em vários casos ser presente com os mortos governando os vivos, do Positivismo comtiano – o presente supondo, noutros tantos casos dominar o passado, além de ser futuro, o futuro procurando ser o tempo-rei desde o instante matematicamente exato em que o presente se torna passado, que é o instante atual. Rigorosamente poderia dizer-se do presente que não existe: mal deixa de ser passado, já é futuro.”<sup>23</sup>

Essa questão do tempo, uma das quatro categorias da *Tropicologia*, segundo MIRANDA, é que chama, mais fortemente, o se-

gundo componente do binômio em estudo – Terceira Idade. Como chama o envelhecimento, a velhice, como chama o nascimento, o ciclo vital, como um todo, e a morte.

O conceito de Terceira Idade não está presente, como tal, na obra tropicológica de GILBERTO FREYRE. Os termos mais usados por ele são “velho” e “idoso”. Assim, no seu artigo “A propósito de um novo tipo de velho” – *Diário de Pernambuco* (12.01.64 – página 4) usa tanto “velho” e “velhos” como “o homem idoso”.

Em trabalho publicado na revista *Ciência & Trópico* (nº 5 vol. 1, 1977), “O idoso válido como uma descoberta da nossa época”, usa ora um ora outro termo, e, ainda, “velhice”, “homens do tipo *senior*”, “avelhantado”, “envelhecido”, “senis matusaléns”, “gagás”, “grupo além de 60 ou 65”, “indivíduo de idade avançada”, “de idade superior a 65 anos”, “provectos”, “Matu”.

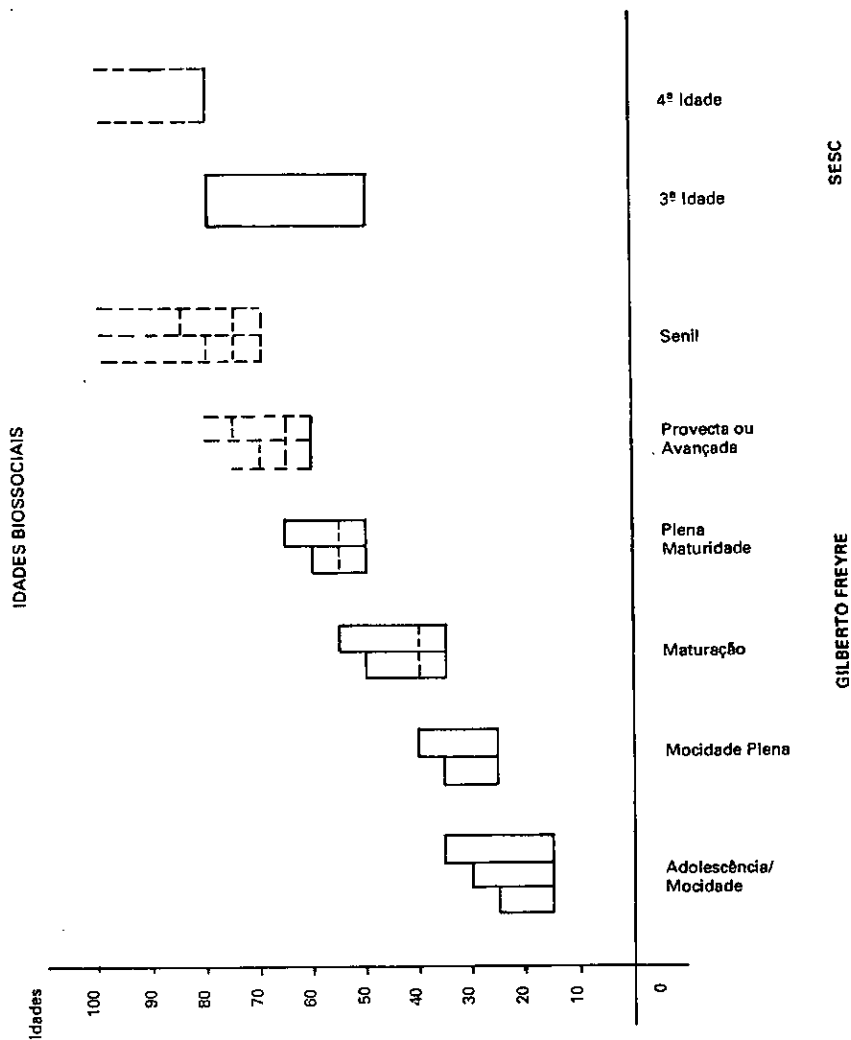
Já no livro *Além do Apenas Moderno*, capítulo “Geração e tempo: aspecto de suas inter-relações”, diz:

“As idades biossociais podem ser assim classificadas: de 15 a 20 ou 30 ou 35 – conforme o aumento de média de vida – adolescência e começo de mocidade, com uma duração de mais de dez ou quinze anos; de 25 a 35 ou a 40, mocidade plena, com uma duração de dez anos; de 35 ou 40 a 50 ou a 55, maturação, com uma duração de dez a quinze anos; de 50 ou 55 a 60 ou a 65, a considerada plena maturidade – a grande burguesia no tempo –, com uma duração de dez a quinze anos; depois dos 60 ou dos 65 anos, idade *provecta* ou *avançada*, até à *senil*, cujo começo pode ser fixado – há exceções: Bertrand Russel aos noventa e poucos anos não se tornou um *senil*, nem *senil* é Pablo Casals, aos noventa e poucos, nem *senil* morreu há poucos anos Menéndez Pidal, aos noventa e tal, nem *senil* morreu Picasso, aos noventa e um anos.”<sup>24</sup>

Aparecem, então, os termos “idade *provecta* ou *avançada*” e “*senil*”.

Diga-se que, provavelmente, a terminologia Terceira Idade não deveria ser do agrado do criador da Tropicologia, mais ligado ao uso de nomenclaturas sacramentadas pelo uso comum e até gírias, ou, se não, por termos por ele pinçados ou criados e consagrados definitivamente.

Considere-se que, mesmo sob essa suposição, na VI Reunião Ordinária do Seminário de Tropicologia, com o tema “Biologia e Sociologia do Envelhecimento nos trópicos”, o conferencista médico e antropólogo português, Almerindo Lessa, abordando o assunto apresentou também as “Resoluções aprovadas por unanimidade na Assembléia Geral do VII Congresso da Associação Médica Portuguesa para o Estudo das Condições de Vida e Saúde (AMIEV)” sobre “Responsabilidade Social da Medicina” – Bolonha (30.04.76) intituladas “Problemas da 3ª Idade: Situação das Pessoas Idosas e sua Defesa nos Diferentes Países”.



Ao que tudo faz crer, foi assim divulgada, pela primeira vez, essa terminologia no âmbito do Seminário, naquela VI Reunião de 1985.

Provavelmente, a questão do envelhecimento populacional tenha começado a preocupar mais profundamente as instituições, mesmo em nível internacional, a partir da década de 70, embora sua consciência já viesse se plasmando antes, principalmente na Europa.

Diz Alfred Sauvy, citado por LESSA:

“des trois grandes explosions de notre temps – l’explosion atomique, l’explosion des idées marxistes et l’explosion des personnes âgées, celle-ci seulement va faire éclater le tissu social”.<sup>25</sup>

E poderia ser acrescentada, sem dúvida, ainda, a questão feminina que, apesar de referir-se à metade da população mundial envolve a todos nas suas causas e conseqüências, assim como entrelaça-se também com a questão da velhice.

Como marco dessa consolidação de medidas, resultado de estudos anteriores, cite-se o “Plano Internacional de Ação sobre o Envelhecimento – Declaração de Viena” (1982), subscrito por 124 países, inclusive o Brasil, e aprovado pela Assembléia Geral da ONU – 1983.

Observe-se que a nomenclatura adotada pelo plano, citado por Lessa nas suas notas para o Seminário de 1985, é mais abrangente e não menciona, especificamente, apenas a Terceira Idade mas sim o Envelhecimento. Envelhecimento, que dá a idéia de processo geral, sem particularizar peculiaridades ou fases, havendo contudo, segundo o autor, recomendações técnicas especiais para os Trópicos, enfeixadas nos programas de Viena, Paris, Lisboa e Dacar, aos quais não foi possível o acesso.

A terminologia Terceira Idade, ao contrário, é específica a determinada faixa etária, conforme o sociólogo Dirceu Nogueira Magalhães, Vice-Diretor geral do SESC, um dos órgãos mais atuantes no Brasil, no setor de atendimento à velhice:

“Essa expressão, que tem muito a ver com a expressão Terceiro Mundo, recobre uma população biologicamente saudável e demograficamente crescente que estava e está marginalizada da vida social e do trabalho.

Compreende a população entre 50 e 80 anos, mais ou menos, que não necessita de cuidados médico-sociais especiais e que procura integrar-se à sociedade através do trabalho, do lazer, da cultura e de outras formas de participação social.

O esforço para integrar socialmente essa população em boas condições de saúde e com autonomia de vida individual fez surgir uma nova concepção de trabalho social com idosos, expressa no Relatório La Roque, assim como transferir para a Quarta Idade (depois dos 80) os cuidados especiais com os que perdiam capacidades

biológicas ou psíquicas e requeriam a assistência hospitalar/asilar ou os cuidados a domicílio. A etapa da Terceira Idade requer, antes de tudo, integração social e sustento material através de novas alternativas de trabalho, de lazer ou de cultura.”<sup>26</sup>

De um lado, a concepção de FREYRE é abrangente porque considera a velhice como um todo, na mesma linha de processo – envelhecimento adotada pela ONU, quando apesar de mencionar limites, os deixa frouxos, sempre adotando durações prováveis de 10 ou 15 anos para as diferentes faixas de idades. Aparentemente, poderia dizer-se haver discordância com MAGALHÃES, quanto à faixa etária correspondente à Terceira Idade. Mas esta corresponderia, na concepção freyriana, à plena maturidade e à chamada idade propecta ou avançada. A Quarta Idade (depois dos 80), segundo MAGALHÃES, seria a idade senil, cujo início, como foi visto antes, conforme FREYRE, pode ser fixado, mas ele não o fez. Citou exceções, como que prevendo que elas tenderiam a se generalizar.

De outro lado, constata-se que o criador da Tropicologia, mais uma vez, foi um antecipador. Estudando a quotidianidade da habitação, através da vida da família, valoriza-a, desde as suas primeiras intuições germinais para criar *Casa-Grande & Senzala*:

“A família, não o indivíduo, nem tampouco o Estado nem nenhuma companhia de comércio, é desde o século XVI o grande fator colonizador no Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, instala as fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da América. Sobre ela o rei de Portugal quase que reina sem governar. Os senados de câmara, expressões desse familismo político, cedo limitam o poder dos reis e mais tarde o próprio imperialismo ou, antes, parasitismo econômico, que procura estender do reino às colônias os seus tentáculos absorventes”.<sup>27</sup>

Na família patriarcal destaca, não deixando dúvidas, a presença dos idosos na manutenção dos valores nacionais, quando menciona, distinguindo, os senados de câmara, geralmente compostos de pessoas maduras, e, mais ainda, quando dedica *Casa-Grande & Senzala*:

“À memória dos meus avós”.<sup>28</sup>

Mais explicitamente, antecipa-se sobre as modificações sociais na maneira de encarar a velhice, no já citado artigo “A propósito de um novo tipo de velho”:

“A grande revolução biossocial em começo no mundo moderno – revolução em ritmos diferentes, conforme diferentes áreas de cultura –, uma revolução que importa em novo sentido de vida, de tempo e de cultura pelos homens. Importa também numa maior participação de gerações de idade avançada no desenvolvimento das várias culturas nacionais, em particular, e na pan-humana, em geral.

O homem idoso, com o aumento da automação, com o aumento do lazer e com melhor defesa da sua saúde por meios higiênicos preventivos e médicos, deixa de ser sobra, para tornar-se co-participante, com os grupos de idades menos avançadas – adolescentes e jovens na primeira mocidade –, no processo geral de desenvolvimento humano, através de atitudes caracterizadas pela independência e pelo arrojo de que, em geral, só são capazes os indivíduos mais descomprometidos ou menos comprometidos com instituições dominantes.”<sup>29</sup>

É que, mesmo valorizando a família patriarcal e os idosos na formação da nacionalidade brasileira, FREYRE não pode deixar de constatar tendências e modismos externos ameaçando a unidade vital do núcleo social, principalmente nas grandes cidades, com modelos alienígenas calcados na organização social capitalista ocidental. Os asilos, mesmo os de luxo, para os velhos, separando as gerações. Daí a expressão “deixa de ser sobra”, na citação.

Ele anteviu a solução, antes que o esquema se generalizasse, totalmente, no Brasil. São as vantagens dos países não desenvolvidos de pular etapas. Nesse caso, quando surgiu a reação ao asilamento, em nível ocidental, no Brasil este, ainda, não se generalizara, embora tivesse tomado certo impulso nas grandes cidades. E FREYRE já antevira a solução, desde 1961:

“Em recente conferência, proferida a pedido de estudantes, considere aspectos de um assunto que, sendo de importância mundial – o aumento da média de vida humana, ao lado do aumento de automação do lazer – é também de interesse para o Brasil, na fase de transição social que atravessa.

Essa transição não se está operando apenas no espaço físico-social mas também dentro do tempo físico-social. Torna-se necessária, neste tempo físico-social, uma maior aproximação no nosso país, entre gerações, do mesmo modo que entre regiões, hoje, entre nós, desarticuladas. Não – acentuou-se – para que, melhor articuladas as gerações formem uma força única ou as regiões deixando de ser diversas e perdendo suas diferenças, constituam-se num bloco monolítico.

A melhor articulação seria a que aproveitasse diferenças no tempo e no espaço, assim físicos como sociais, em vez de desprezar tais diferenças. O vigor das civilizações está no aproveitamento de tais diferenças e não em uniformidades esterilizantes.”<sup>30</sup>

A esse propósito, parece pertinente destacar a retomada do tema, em 1977:

“Sendo assim, nos modernos equivalentes sociológicos de avós e nos modernos equivalentes sociológicos de neto e em alianças entre eles – outra tese do livro *Além do Apenas Moderno* – nós teríamos, nas sociedades modernas do tipo geralmente considerado

mais desenvolvido, expressão de espontaneidade, de autenticidade, de independência, de revolta, de crítica, da parte dos muito jovens e dos muito idosos que estariam concorrendo para corrigir excessos de conformidade e de adesão a ordens sociais estabilizadas, ou tidas por inevitavelmente triunfantes, em futuro próximo da parte dos grupos de idade socialmente dominantes.”<sup>31</sup>

Assim, GILBERTO FREYRE caracteriza, amplia e define uma função social e um papel para a velhice, além dos limites preconizados no próprio conceito de Terceira Idade adotado pelo SESC.

É a essa Terceira Idade abrangente que o presente trabalho se refere. Uma Terceira Idade que não sendo mencionada, como tal, pelo antropólogo, está contida ampliadamente nas suas considerações sobre a velhice. Poderia se dizer, uma Terceira Idade Tropical.

Essa Terceira Idade tropical incluiria a idéia de Terceira Idade em si, como englobaria, especificamente, ainda, as concepções freyrianas de “novo tipo de velho”, “idoso válido”, “integração transgeracional”, dentre outros.

A consciência gerontológica, hoje, segundo MAGALHÃES, toma novas dimensões:

“É uma consciência que transcende os limites da Terceira Idade e põe em evidência os desequilíbrios regionais e sociais que afetam toda a população, sobretudo os biologicamente envelhecidos e socialmente desqualificados para o trabalho.

Nesse contexto, a Terceira Idade, enquanto fenômeno social, transcende os limites da classe média e dos extratos intermediários para se transformar em mais um canal de expressões e reivindicação dos desprovidos e esquecidos. Exatamente por isso, pelo que busca para si mesma, assim como pelo que, consciente ou inconscientemente, busca para a população carente de nosso país, a Terceira Idade é um novo movimento de reivindicação social. Não é apenas um movimento de mulheres ou um movimento de idosos e aposentados, mas um novo movimento de renovação social, de luta pela liberdade, pelos direitos de cidadania e justiça social.”<sup>32</sup>

Esse sentido novo para a concepção de Terceira Idade, também pode ser visualizado na obra de FREYRE. A sua ampla visão de velhice vem das origens de sua concepção social geral. Uma concepção em que a harmonia se faz presente, e, onde a ambiguidade das interpretações e a constatação dos paradoxos são características importantes a destacar.

Tanto que seu modelo de convivência intergeracional é semelhante ao de interclasses sociais, se assim for possível dizer. Seu modelo valoriza as três raças colocando-as no mesmo plano, como colonizadoras – Índio, branco, negro – na formação da identidade nacional. Veja-se *Casa-Grande & Senzala*.

“Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo – há muita gente de jenipapo ou

mancha mongólica pelo Brasil –, a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro.”

“Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra.”

“Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado.”

“Não nos interessa, senão indiretamente, neste ensaio, a importância do negro na vida estética, muito menos no puro progresso econômico, do Brasil. Devemos, entretanto, recordar que foi imensa.”

“Por todos esses traços de cultura material e moral revelaram-se os escravos negros, dos *stocks* mais adiantados, em condições de concorrerem melhor que os índios à formação econômica e social do Brasil. Às vezes melhor que os portugueses.

Pode-se juntar a essa superioridade técnica e de cultura dos negros, sua predisposição como que biológica e psíquica para a vida nos trópicos. Sua maior fertilidade nas regiões quentes. Seu gosto de sol. Sua energia sempre fresca e nova quando em contacto com a floresta tropical.”

“O negro, o tipo do extrovertido. O tipo do homem fácil, plástico, adaptável.”

“As histórias portuguesas sofreram no Brasil consideráveis modificações na boca das negras velhas ou amas de leite”.

“O *akpaló* é uma instituição africana que floresceu no Brasil na pessoa de negras velhas que só faziam contar histórias. Negras que andavam de engenho em engenho contando histórias às outras pretas; amas dos meninos brancos.”

“Por intermédio dessas negras velhas e das amas de menino, histórias africanas, principalmente de bichos – bichos confraternizando com as pessoas, falando com a gente, casando-se, banqueteadando-se –, acrescentaram-se às portuguesas, de trancoso, contadas aos netinhos pelos avós coloniais – quase todas histórias de madrastas, de príncipes, gigantes, princesas, pequenos-polegares, mouras encantadas, mouras – tortas.”

“ – outros vultos de negros se sucediam na vida do brasileiro de outrora. O vulto do muleque companheiro de brinquedo. O do negro velho, contador de histórias. O da mucama. O da cozinheira. Toda uma série de contactos diversos importando em novas relações com o meio, com a vida, com o mundo. Importante em experiências que se realizavam através do escravo ou à sua sombra de guia, de cúmplice, de curandeiro ou de corruptor.”<sup>33</sup>

Tais citações mostram como FREYRE valorizava a presença do negro na cultura brasileira, destacando-a, e nela a presença do velho, tanto homem como mulher, como verdadeiros transmissores do

imaginário social, ou, formadores e alimentadores do inconsciente coletivo.

Por outro lado, seu modelo, considerado como um todo, destaca os valores rurais, mas abre-se à conceituação de "rurbanização", desde os primórdios da elaboração de sua concepção criadora, em "Casa-Grande & Senzala" e seus textos antecipadores:

"Já se ocupasse com perspectivas novas, e algumas originais, do fenômeno dos começos brasileiros, ou pré-brasileiros, como aspectos de uma onda de invasão civilizadora, e esta para-urbana, de espaços, então, de todo, ou quase todo, agrestes ou para-rurais".<sup>34</sup>

Aponta a rurbanização como solução ideal para a periferia das grandes cidades, onde, geralmente, se situam os segmentos sociais mais desprotegidos:

"Ou seja: no equilíbrio, dentro dessa comunidade complexa e já antiga e ecológica e sociologicamente diversa pelos seus vários espaços naturais e culturais que devemos procurar transformar de antagônicos em complementares – agrários, pastoris, industriais – dos valores e estilos urbanos com os valores e estilos rurais. Mais que equilíbrio: interpretação. Compenetração. Precisamos formar e desenvolver aqui uma mentalidade rurbana, na aceção por assim dizer conjugal, de rurbanidade. Por conseguinte, rurbana não apenas no sentido que de ordinário se atribui à palavra criada por Galpin para definir situações intermediárias entre a puramente urbana e a puramente rural, mais no que expandindo idéia do Professor Cole, venho, no Brasil, procurando desenvolver para caracterizar situação mista, dinâmica e, repito, conjugal, fecundamente conjugal: terceira situação desenvolvida pela conjugação de valores das duas situações originais e às vezes contrárias ou desarmônicas, quando puras. Urbana e rural a um tempo pela vontade dos que buscam desenvolver tal situação em vez de aceitá-la quando as circunstâncias a impõem."<sup>35</sup>

E é também através dessa concepção que se pode mostrar como FREYRE, ao contrário do que diz nota ao artigo "Envelhecimento e Resistência Cultural" – "desfazer o mito da democracia racial brasileira, em grande parte sustentado por Gilberto Freyre" – busca mostrar na cultura negra e mestiça, além da fonte de resistência cultural, como sugere o autor, um dos tripés, em pé de igualdade, da própria criação e sustentação da identidade nacional.

Assim, o próprio MAGALHÃES que, naquela nota, sugere uma revisão da posição freyriana, principalmente, segundo ele, via os trabalhos da escola Paulista, evoca, no seu texto, a chamada "cultura da pobreza" como a depositária, via processo oral, dos valores tradicionais:

"Em relação à população envelhecida e envelhecendo na cultura afro-brasileira, a longevidade tende a coexistir com formas mais tradicionais de sociabilidade. Esse reforço da sociabilidade tradicio-

nal pode ser fator que, de um lado, evita a propensão ao isolamento social e, de outro lado, lhe assegura um papel relevante na resistência cultural.

A população negra e mestiça forma parte considerável dos migrantes que buscam as grandes cidades. Neles sobrevive uma lembrança rural mais recente. Por sua vez, a urbanização se processa através das camadas mais baixa da periferia. As condições objetivas e adversas que têm de enfrentar favorecem a preservação de formas tradicionais de religião, dança, música, culinária e artesanato. A cultura da pobreza como resposta adaptativa e resistência cultural à mudança social e à dominação, tende, pelo menos provisoriamente, a reforçar as formas de proteção, de *status* e de alimentação proporcionadas pela cultura tradicional. Por decorrência, parece reforçar a função e a autoridade dos mais velhos, depositários da memória e articuladores da relação e transmissão entre o saber e o fazer das gerações mais antigas e os das gerações mais novas.

Por ser uma cultura oral, muito mais que uma cultura letrada, a experiência registrada na memória humana associa-se inevitavelmente à longevidade, favorecendo-lhe o exercício da função de unir gerações em processo de mudança. Ainda que os sincretismos sociais se desenvolvam com muita força, parece que no contexto familiar e religioso, quando os mínimos vitais e sociais são garantidos, a tendência é o reforço à sociabilidade e respeitabilidade dos mais velhos, comparativamente às perdas que em maior escala ocorrem com a população branca.<sup>36</sup>

Nada tão semelhante às idéias de FREYRE que, em toda a sua obra valorizou o modo de ser brasileiro, quebrando tabus e abrindo perspectivas para a consciência da nacionalidade e cultura brasileiras.

No antagonismo espacial rural/urbano a Tropicologia sintetizou a concepção de urbano, provavelmente, muito mais fiel à interpenetração cultural mútua. Na questão das idades, do envelhecimento populacional, a síntese foi a "integração intergeracional", com destaque e valorização para os extremos, como foi visto antes, e, principalmente, em paralelo, na concepção de "tempo tribal".

Talvez não fosse descabida a sugestão de uma comparação entre esta e as idades individuais e sociais. Aos tempos passado, presente e futuro poderiam corresponder as idades juventude, maturidade e velhice. E surgiria a idéia de "idade tribal", como consequência inseparável do "tempo tribal". Assim as idades seriam fundidas numa só verdade individual e social unificada.

Jovens/velhos ou velhos/jovens, maduros/jovens e jovens/maduros e maduros/velhos ou velhos/maduros estão aí, como exemplos reais, à vista de quem quiser vê-los.

O próprio FREYRE, falando a propósito da juvenalização da cultura, diz dessa tendência a uma unicidade das idades:

“De modo que é de imaginar-se do Homem futuro que seja menos dividido que o atual, pelo tempo, em dois ou três. Inclusive com relação ao gozo do sexo.”<sup>37</sup>

É importante observar, que é no livro *Além do apenas Moderno* onde estão as questões do idoso, do tempo e outras a elas pertinentes. Aparentemente, em contradição com a busca da Futurologia que, para a Tropicologia, está impregnada não só de presente mas sobretudo de passado.

Numa tentativa de síntese, que sempre contém riscos, pode-se dizer que a Tropicologia busca, através das suas conceituações de “novo tipo de velho”, “idoso válido”, “integração transgeracional”, “tempo trfbio”, “rurbanização”, e outros, aqui não abordados, mas amplamente divulgados, de “democracia racial”, “morenidade”, etc., sempre, o modelo de identidade nacional, onde são valorizadas a cultura negra, a Índia, a tradição, a agregação, a convivência rural / urbana, a família, o cotidiano, etc.

Pode-se, especificamente, esquematizar que, enquanto a visão tropicológica busca o geral, a visão compartimentada em estratos (sociais, econômicos, políticos) busca o atendimento às partes que, mesmo assim, estão sempre presentes dentro da visão globalizante, inter e transdisciplinar da Tropicologia.

Quando esta já preconizara a valorização do idoso baseada nas tradições nacionais, ameaçadas por modelos de asilamento em guetos totalmente desaconselhados, surgem as modernas orientações condenando tais práticas resultantes de processos sócio-econômicos totalmente em revisão, hoje em dia.

A Tropicologia, mais uma vez, antecipou-se. Hoje há uma espécie de tendência cruzada que tende a harmonizar-se. O modelo brasileiro da Tropicologia sendo buscado por situações socio-econômicas que experimentaram as últimas consequências do asilamento como ideal. E o modelo dos países desenvolvidos, que não chegou a se generalizar nos trópicos, sendo revisado nos seus objetivos de avassaladora propagação, como se previa, há alguns anos. Admitindo-se o asilamento apenas para os idosos doentes e sem família.

As teses de “Terceira Idade Tropical” conjugadas à de “Idade Trfbia”, segundo o Gráfico de Idades, todas baseadas nas concepções tropicológicas de GILBERTO FREYRE, englobam a população de 50 anos e mais (50/80 anos segundo o SESC), urbana ou rurbana, não asilada, participativa, de homens e mulheres. Tal população é que, segundo dados demográficos, vem aumentando proporcionalmente dentro do todo populacional. No Brasil, como em todo o mundo, já causando apreensões e sendo motivo de estudos quantitativos específicos. Inclusive, análises para a concessão de posicionamentos pela Constituição brasileira recentemente promulgada.

Para esse estrato da velhice, contido e destacado do todo da visão tropicológica, três campos específicos são motivos de estudos

e proposições em documentos de caráter internacional, nacional e local: Educação, Trabalho e Lazer.

Vejam-se, a esse propósito, os vários anexos:

Anexo 1 – Problemas da III Idade: Situação das Pessoas Idosas e sua defesa nos diferentes países – itens 6 e 7 – Política da III Idade (Bolonha – 1976);

Anexo 2 – Plano Internacional de Ação sobre o Envelhecimento – Declaração de Viena – item 2 – Recomendações Gerais (Viena – 1982; ONU – 1983);

Anexo 3 – III Encontro Nacional de Idosos – SESC – Carta de Santos (1987);

Anexo 4 – Educação Permanente para a 3ª Idade – ficha e propostas. Revista *Ciência & Trópico* (7.(2): 237-253, jul, dez 1979).

Muitas das sugestões estudadas, sugeridas e contidas nos citados documentos, resultantes de amplos debates, em vários níveis, são objeto da Tropicologia, principalmente, no livro *Além do Apenas Moderno*. E muitas outras sugestões suas precisam ser, ainda, estudadas aprofundadamente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 MELO, Mário Lacerda de. *Os espaços tropicais e a tropicologia: roteiros de aula*. Recife: FUNDAJ; Fundação Gilberto Freyre, 1988.
- 2 MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. Sobre o Seminário de Tropicologia. *Ciência & Trópico*, Recife, v. 11, n.1, p. 51, jan./jun., 1983.
- 3 IDEM p. 54
- 4 SILVA, Carlos Eduardo Lins da, coord. *Ecologia e sociedade: uma introdução às implicações da crise ambiental*. São Paulo: Loyola, 1978. p. 265.
- 5 MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. Sobre o Seminário de Tropicologia. *Ciência & Trópico*, Recife, v. 11, n. 1, p. 61, jan./jun., 1983.
- 6 FREYRE, Gilberto. *Além do apenas moderno: sugestões em tomo de possíveis futuros do homem, em geral, e do homem brasileiro, em particular*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 245.
- 7 MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. *Prefácio dos Anais do I Congresso: Brasileiro de Tropicologia*. *Ciência para os Trópicos*. Recife: FUNDAJ. Ed. Massangana, 1987.
- 8 ———. Interdisciplinaridade e trans-disciplinaridade do Seminário de Tropicologia. *Ciência & Trópico*, Recife, v. 14, n.1, p. 29, jan./jun., 1986.
- 9 ———. A tropicologia como fenomenologia. *Ciência & Trópico*, Recife, v. 15, n.2, p. 194, jul./dez., 1987.

- 10 IDEM p. 196
- 11 FREYRE, Gilberto. *Além do apenas moderno: sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral, e do homem brasileiro, em particular*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 95.
- 12 IDEM p. 99
- 13 MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. Categorias da experiência tropicológica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TROPICOLOGIA, 1, Recife, 1986. *Anais*. Recife: FUNDAJ. Ed. Massangana, 1987. p. 144.
- 14 IDEM p. 144
- 15 MACIEL, TELMO Frederico. Origem, tempo e relatividade. *Diário de Pernambuco*, Recife, 18 set., 1988. Ciência e Tecnologia, Caderno A, p. 19.
- 16 IDEM
- 17 AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 5 ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1955. p. 306
- 18 IDEM p. 312
- 19 IDEM p. 309-10
- 20 IDEM p. 313
- 21 IDEM p. 320-21
- 22 IDEM p. 324
- 23 FREYRE, Gilberto. *Além do apenas moderno: sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral, e do homem brasileiro, em particular*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 244.
- 24 IDEM p. 58
- 25 LESSA, Almerindo. *Le temps, quatrième dimension de l'homme: Roteiro para a VI Reunião Ordinária do Seminário de Tropicologia*. Recife, FUNDAJ, 1985.
- 26 MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. Velhice e sociedade. *Intercâmbio*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 31, p. 5-15, jul./set., 1987.
- 27 FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. v. 1, p. 117-18.
- 28 IDEM Dedicatória
- 29 FREYRE, Gilberto. A propósito de um novo tipo de velho. *Diário de Pernambuco*, Recife, 12 jan., 1964. p. 4.
- 30 IDEM
- 31 FREYRE, Gilberto. O idoso válido como uma descoberta da nossa época. *Ciência & Trópico*, Recife, v. 5, n. 1, p. 71, jan./jun., 1977.
- 32 MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. Velhice e sociedade. *Intercâmbio*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 31, p. 10, jul./set., 1987.
- 33 FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. v. 2, p. 489, 490, 494, 559, 560, 567.
- 34 ———. *Rurbanização: que é?* Recife: FUNDAJ. Ed. Massangana, 1982. p. 62.
- 35 IDEM p. 82.

- 36 MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. Envelhecimento e resistência cultural. *Intercâmbio*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 10, jan/abr., 1988.
- 37 FREYRE, Gilberto. *Além do apenas moderno: sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral, e do homem brasileiro, em particular*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 84.

## ANEXO 1

### Problemas da III Idade: Situação das Pessoas Idosas e sua defesa nos diferentes países – itens 6 e 7 – Política da III Idade (Bolonha – 1976)

6. Uma política da III Idade será necessariamente multidisciplinar. Nela se pode estabelecer quatro linhas de rumo:
- 6.1 *de ordem sócio-econômica e de segurança social*: salários de aumento progressivo com a idade e de reajustamento automático ao custo de vida, flexibilidade nas reformas, habitações psicologicamente situadas, urbanismos protetores, rejeição dos "racismos de idade", etc.
- 6.2 *de ordem médico-sanitária*: educação higiênica, assistência domiciliar e hospitalar (incluindo Hospitais de Dia), cuidados estéticos, educação física de grupo, etc.  
Estes programas requerem uma revisão pedagógica da Geriatria e a formação de pessoal especializado em número suficiente.
- 6.3 *sobre tempos livres e lazeres*: planificação das distrações e dos repousos fora e dentro de casa, criação de meios apropriados de comunicação escrita e audiovisual, instalação de clubes de III Idade, viagens acompanhadas, turismo internacional, etc.
- 6.4 *de ordem ocupacional*: preparação psico-fisiológica para a reforma, educação permanente, cursos de reciclagem, reclassificação dos postos de trabalho, estabelecimento de tabelas nacionais de permuta de tarefas, cursos de recolocação transdisciplinar, agências de novos empregos, Universidades da III Idade, participação ativa na política dos serviços, etc.  
Nos setores II e III do trabalho esta preparação deve ser iniciada a partir dos 45 anos.
7. Assim, se a velhice, enquanto que estado biológico não pode ser considerado uma doença, ela o é, na realidade, enquanto situação social e está na dependência do que os brasileiros chamam a *Doença Grande*, ou seja o *Subdesenvolvimento*: o qual se pode diagnosticar por toda a parte até em certos países industrialmen-

te muito evoluídos. Por isso se entende que a Política da III Idade não é mais que um aspecto da Política Geral do Homem.

Almerindo Lessa  
Presidente dos Seminários.

## ANEXO 2

### **Plano Internacional de Ação sobre o Envelhecimento – Declaração de Viena – item 2 – Recomendações Gerais (Viena – 1982; ONU – 1983)**

#### **2. Recomendações Gerais sobre os aspectos demográficos, sociais e humanísticos:**

- a) Impacto Geral do Envelhecimento sobre o Desenvolvimento.
- b) Impactos individuais:
  - Saúde e nutrição
  - Proteção aos idosos
  - Habitat e ambiente
  - Família
  - Bem-estar social
  - Segurança social e emprego
  - Educação permanente
  - Organização dos tempos livres.
- c) Promoção de políticas e programas:
  - colheita e apreciação de dados
  - formação e treino de pessoal técnico
  - organização da pesquisa.

## ANEXO 3

### **III Encontro Nacional de Idosos – SESC – Carta de Santos (1987)**

#### **Cultura e Educação**

- Implantação de programas educacionais visando à alfabetização e escolarização do idoso, segundo métodos específicos.
- Inclusão do ensino de 1º, 2º e 3º graus de reflexões sobre a velhice e o processo de envelhecimento, com vistas à melhoria da imagem social do idoso.

- Inclusão das disciplinas de Geriatria e Gerontologia no curriculum das universidades.
- Criação de estratégias para a valorização das manifestações folclóricas regionais, identificando o idoso como transmissor da cultura popular.

### **Aposentadoria e pensões**

- Paridade salarial entre os aposentados e os trabalhadores ativos, do campo e da cidade.
- Fim da aposentadoria compulsória aos 70 anos. Que a decisão caiba exclusivamente ao idoso.
- Constituição de uma comissão composta por trabalhadores, parlamentares e aposentados para fiscalizar a aplicação dos fundos do IAPAS.
- Extinção dos descontos incidentes sobre aposentadorias e pensões de assalariados, inclusive os relativos a imposto de renda e à assistência médico-hospitalar, sem prejuízo dos benefícios.
- Fim das aposentadorias especiais, que contrastem com as normas da CLT vigentes para o trabalhador brasileiro.
- Restabelecimento do colegiado da Previdência, composto por representantes dos trabalhadores, dos empregados, do governo e dos aposentados.
- Manutenção dos mesmos rendimentos do segurado falecido, seja homem ou mulher, para o pensionista, mesmo contraindo um novo matrimônio.
- Incorporação do trabalhador rural à legislação previdenciária, com toda a sua plenitude de direitos.

### **Saúde**

- Criação de mecanismos que ponham término às filas para consultas médicas no INAMPS, especialmente no caso de idosos e deficientes físicos.
- Fiscalização das ações integradas de saúde por conselhos comunitários, com a participação de idosos.
- Implantação de atendimento gerontológico e geriátrico pelo INAMPS ou pelas ações integradas de saúde.
- Dinamização da produção e da distribuição de remédios pela Ceme, Central de Medicamentos, beneficiando hospitais, postos de saúde e instituições de atendimento ao idoso.
- Permissão para acompanhar os idosos em caso de hospitalização e que o atendimento hospitalar seja garantido, durante todo o tempo necessário para o pleno restabelecimento do paciente.
- Ampliação da rede e dinamização dos postos de saúde, especialmente na periferia das cidades.

## Habitação

- Levantamento dos terrenos públicos existentes, adequados para a construção de conjuntos habitacionais para idosos.
- Criação de moradias para idosos, mantidas pelo Estado, sem prejuízo da aposentadoria e do convívio social.

## Transportes

- Gratuidade nos transportes urbanos (ônibus, metrô e trens) para todos os idosos, aposentados ou não, a partir de 60 anos, que receba até três salários mínimos.
- Obrigatoriedade de degraus mais baixos nos ônibus, facilitando o acesso de idosos, crianças e deficientes.
- Obrigatoriedade de parada dos ônibus junto às guias das calçadas.
- Treinamento de cobradores e motoristas para um relacionamento cortês com os usuários de qualquer idade.

## Lazer

- Criação de Centros de Lazer em locais de fácil acesso, que atendam também as pessoas idosas.

## Institucionalização

- Estabelecimento de um padrão mínimo de atendimento nas instituições geriátricas de modo a humanizá-las e melhorar a qualidade de vida dos idosos.
- Fiscalização das casas geriátricas e realização de uma política de incentivos para que as instituições filantrópicas possam concretizar suas finalidades.
- Formação de um corpo técnico especializado e treinamento de dirigentes para atuar em casas geriátricas através de convênios ou cooperação de instituições governamentais.
- Revisão dos critérios de subvenções oficiais às instituições geriátricas de maneira a ajudá-las a manter um padrão desejável de atendimento aos idosos.
- Respeito ao direito de livre escolha dos cidadãos em se internarem, afastando pressões familiares e de qualquer outra natureza.

Finalizando esta Carta, promova-se a criação do Conselho Nacional dos Direitos da Terceira Idade, órgão estimulador da criação e dinamização de conselhos estaduais e municipais. Que se converta num instrumento de luta pela defesa da cidadania plena dos idosos.

E que cada um de nós se sinta comprometido a lutar por estas propostas sem depender apenas da boa vontade dos poderosos.

#### ANEXO 4

**Educação permanente para a 3ª Idade –  
Myriam Brindeiro de Moraes Vasconcelos –  
ficha e propostas – Revista Ciência & Trópico (1979)**

Toda a problemática do idoso está relacionada com a definição do seu papel social e cultural, podendo o indivíduo aceitar ou não o papel que lhe é imposto pela sociedade e pela cultura. O conceito de 3ª Idade, ao invés de idoso ou velho, já assinaria uma modificação latente na forma social e cultural de definir esse papel. A educação permanente, a ser desenvolvida como uma atitude assumida desde cedo e não apenas como algo a ser procurado depois da aposentadoria, favorece aos idosos que não tiveram oportunidade de explorar suas potencialidades criativas. A Universidade já não é monopólio de juventude ávida de saber, mas está também aberta ao idoso, igualmente ávido de renovar e atualizar seus conhecimentos. Como propostas concretas e amplas para uma modificação do papel social da 3ª Idade podem ser sugeridos: Programa de educação permanente para a 3ª Idade, que compreende a ativação de eventos programados e acompanhados para que se tenham avaliações das suas repercussões e Programa de pesquisa sobre a 3ª Idade, no qual tanto se pode ter um levantamento dos programas, projetos e atividades educacionais destinados à 3ª Idade, como a avaliação deles, e, ainda, propostas de novas experimentações.

A estrutura do IJNPS pode comportar atividades de atendimentos à 3ª Idade através de vários dos seus Departamentos (Educação, Psicologia Social, Museologia, Antropologia e seus Centro de Estudos Folclóricos e Centro de Estudos do Imaginário).

Como propostas concretas e amplas para uma modificação do papel social da 3ª idade podem ser sugeridas:

- 1 – Programa de educação Permanente para a 3ª Idade.
  - 1.1 – Projetos de incentivos à abertura das Instituições Culturais para a 3ª Idade.
  - 1.2 – Projetos das Instituições de 3ª Idade em termos de Programações Culturais.
- 2 – Programa de Pesquisa sobre a 3ª Idade.
  - 2.1 – Projetos sobre Programas Educacionais para a 3ª Idade.
  - 2.2 – Projetos sobre Experimentações Educacionais para a 3ª Idade

O primeiro programa compreende a ativação de eventos. Mas eventos programados e acompanhados para que se tenham avaliações das suas repercussões.

No segundo programa, tanto se pode ter um levantamento dos programas, projetos e atividades educacionais existentes para a 3ª idade, como uma avaliação dos mesmos, como propostas de experimentações. O trabalho da Universidade Aberta da UFPE, por exemplo. Nesse programa, é tentadora a proposta de verificação da premissa gilbertiana, seja na realidade social do dia-a-dia, seja através de um experimento em que se aproximem os "avós" dos "netos", em escolas de vários níveis, para uma avaliação de aproveitamento escolar.

